

Este artigo foi recebido em maio de 2023 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em outubro de 2022.

## **DIVERSIDADE DE IDENTIDADES FEMININAS EM “CAPITÃ MARVEL – REENTRADA”**

### *DIVERSITY OF FEMALE IDENTITIES IN “CAPTAIN MARVEL – REENTRY”*

#### **Karla Tatiany Souza Silva**

Especialista em História em Quadrinhos (Faculdades EST). Especialização em Histórias em Quadrinhos (Faculdades EST). Tecnóloga em Produção Audiovisual (FACISA) e Licenciada em Letras - Língua Portuguesa (UFCEG).

**E-mail:** KarlaTatiany@gmail.com.

#### **Amaro Xavier Braga Junior**

É Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais (UFPE), Esp. em História das Artes e das Religiões (UFRPE), Esp. em Artes Visuais (SENAC), Esp. em Gestão de EAD (Esc. Exército/UCB), Mestre e Doutor em Sociologia (UFPE), Mestre em Antropologia Social (UFAL). Pós-doutor em Teologia (Faculdade EST). É Professor Associado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

**E-mail:** amaro@ics.ufal.br.

## Resumo

*Capitã Marvel - Reentrada* narra a história em quadrinhos (HQ) de super-heroínas que precisam encontrar um meio de sair e libertar outras mulheres do confinamento imposto por um antigo vilão do Universo Marvel. Por meio de uma pesquisa caracterizada como exploratória e bibliográfica, este estudo reflete sobre a diversidade das identidades femininas apresentadas nessa HQ. O trabalho será fundamentado nas concepções do biopoder foucaultiano (2014), na performatividade analisada por Butler (2017), nas estruturas de dominação sugeridas por Bourdieu (2002) e no mito da beleza apontado por Wolf (2018), além de estudos que indicam a compreensão da criação das personagens femininas a partir do olhar masculino sobre elas. Conclui-se que a leitura crítica de quadrinhos contribui para a compreensão do debate sobre o gênero feminino na Cultura Pop.

**Palavras-chave:** Quadrinhos. Gênero. Capitã Marvel.

## Abstract

*Captain Marvel - Reentry* tells the story of a comic book about female superheroes who need to find a way to escape and free other women from the confinement imposed by an old villain from the Marvel Universe. Through exploratory and bibliographical research, this study reflects on the diversity of female identities presented in this comic book. The work will be based on the concepts of Foucault's biopower (2014), on the performativity analyzed by Butler (2017), on the structures of domination suggested by Bourdieu (2002), and on the myth of beauty pointed out by Wolf (2018), as well as on studies that indicate the understanding of the creation of female characters from the male perspective. It concludes by asserting that the critical reading of comics contributes to understanding the debate on the female gender in Pop Culture.

**Keywords:** Comics. Gender. Captain Marvel.

## Introdução

O tema desta pesquisa é a análise da diversidade de identidades femininas a partir do quadrinho da super-heroína *Capitã Marvel*. Essa abordagem nos conduz a temas e tópicos mais específicos, como as diversas formas de representação de grupos historicamente associados a posições sociais subjugadas e a singularidade da natureza híbrida dos quadrinhos.

Aspectos sociais e culturais estão cada vez mais em evidência nos dias atuais, e as histórias em quadrinhos nunca estiveram distantes dessas questões. Elas, assim como outros meios de comunicação, como a TV, o cinema e a internet, funcionam como ilustradores e (re)produtores do que o imaginário de cada época compreende como moldes, normas e valores que podem vir a ser, que são ou que desejam ser realidade. Essas ressonâncias sociais já foram identificadas e problematizadas em alguns estudos (Braga Jr., 2015, 2020, 2023; Braga Jr.; Silva, 2015). Assim, esta pesquisa visa analisar a diversidade de identidades femininas nas histórias solo da personagem Carol Danvers, no álbum *Capitã Marvel – Reentrada* (2019), lançado no Brasil pela Panini Comics.

A partir dessa temática, o questionamento central da pesquisa é: quais as formas utilizadas para apresentar as diversas constituições de identidades femininas no quadrinho *Capitã Marvel – Reentrada*?

Por ser assinado por nomes reconhecidos por seus trabalhos com personagens femininas, a hipótese desta pesquisa é que o quadrinho *Capitã Marvel – Reentrada* aborda constituições do feminino que transcendem aquelas que a sociedade – ainda marcadamente

androcêntrica – entende como pertencentes ao feminino, bem como aquelas que escapam aos códigos e imposições vigentes.

Vozes antes silenciadas e grupos invisibilizados estão, aos poucos, sendo ouvidos cada vez mais. Assim, questões relacionadas ao gênero, por exemplo, têm ganhado destaque em diferentes esferas da sociedade. Essa movimentação também impacta os quadrinhos, tanto na criação quanto nos estudos sobre essa mídia.

Diante disso, partimos de uma base exploratória e bibliográfica, conforme proposto por Gil (2002), e estruturamos uma análise ensaística em torno da composição do material analisado, buscando mostrar como ele se aproxima ou se distancia dos arcabouços teóricos sobre o conceito do feminino.

## Gênero e Estruturas de Dominação

Os estudos sobre gênero e identidade de gênero são amplos e diversificados. Nosso objetivo não é realizar uma hermenêutica interpretativa desses conceitos nem discutir seus limites e possibilidades. Queremos, ao contrário, utilizar este espaço para mostrar como o material – as HQs – reage quando colocado à luz dessas teorias. Por isso, não nos deteremos muito nesses aspectos. Ainda assim, apresentamos, a seguir, alguns conceitos norteadores da nossa abordagem analítica.

Vivemos em uma sociedade estruturada por um sistema que prescreve e enclausura os corpos, para que os indivíduos se comportem conforme o que é esperado. Nesse contexto,

Michel Foucault (2014, p. 135) problematiza o que denomina *biopoder*, um mecanismo de controle social que:

define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.

Esses “corpos dóceis” atuam em conformidade com o sistema, contribuindo para sua manutenção.

Em consonância com essa concepção, Judith Butler (2017) esclarece que o gênero é constituído por um conjunto de repetições estilizadas impostas pela tradição para regulamentar os comportamentos das categorias sociais. A autora afirma que o gênero é “performativamente produzido e imposto” (Butler, 2017, p. 56). Por isso, essa sequência de representações recebe o nome de *performatividade de gênero*.

Portanto, ao refletir sobre diversas sociedades, é necessário também analisar o controle que as estruturas de dominação exercem sobre os corpos presentes nelas.

Pierre Bourdieu (2002, p. 82), por sua vez, enfatiza que as mulheres são frequentemente entendidas como objetos simbólicos:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam 'femininas', isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa 'feminilidade' muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser.

Na mesma linha de pensamento, que reconhece o olhar direcionado às mulheres como um olhar que não as contempla verdadeiramente, Naomi Wolf (2018, p. 31) aponta que a beleza feminina está relacionada à cultura masculina, não às mulheres. Isso ocorre porque o mito da beleza "gira em torno das instituições masculinas e do poder institucional". Além disso, para perpetuar as inseguranças sistematicamente impostas a elas, soma-se a competição entre mulheres, que tem como finalidade estimular divisões entre elas.

## Personagens Femininas nos Quadrinhos

Assim como outros meios de comunicação, os quadrinhos podem resgatar e/ou atualizar as normas vigentes nas sociedades (Braga Jr., 2015). Com isso em mente, as representações de personagens sofreram e sofrem alterações em suas criações e/ou caracterizações ao longo das décadas, espelhando ou determinando o que cada sociedade espera de seus indivíduos a cada época. De acordo com Oliveira (2007), as representações – tanto masculinas quanto femininas – não são fixas; elas arranjam e desarranjam. Por isso, devemos entendê-las como performáticas.

Em uma sociedade androcêntrica como a nossa, as personagens femininas podem ser abordadas apresentando modos frívolos, fragilizados e/ou sexualizados. A esse respeito, é comum encontrar associações visuais relacionadas a essas questões, como a que aparece em Barcellos (apud Barbosa, 2000, online), ao afirmar que “representa-se aquela mulher que a sociedade dirigida pelos homens espera ver representada”. Defesa semelhante aparece em Siqueira e Vieira (2008, p. 189):

Se a ascensão das mulheres nos quadrinhos as retirou do posto de donzelas em perigo ou donas de casa conformadas, não as livrou de suas “origens”: o olhar e a mente masculina. Por mais que possam refletir, até certo ponto, o ideal contemporâneo de mulher, as personagens de quadrinhos foram, em sua maioria, idealizadas por homens e para homens, segundo o que eles veem e entendem do sexo feminino.

Contudo, por objetivarem maior identificação por parte de seu suposto público, os meios de comunicação tendem, de forma geral, a caricaturar suas personagens. Diante disso, Braga Junior (2020, p. 137) pondera:

A estereotipização é um mecanismo de reconhecimento visual. Uma técnica de padronização do desenho que atua sobre os desenhistas de maneira impositiva, determinando o padrão visual a ser utilizado, sob o risco – em caso de descumprimento – do desenho ser tachado de malfeito.

Assim, o leitor de quadrinhos mais afeiçoado à tradição, no geral, acostumou-se a encontrar determinados biotipos durante suas leituras.

Ainda é recente a busca por diversificar as representações nas diferentes mídias, e “é uma demanda do próprio mercado, que espera dessas obras algo além do convencionalismo de outras épocas” (Ramos; Miranda; Camara, 2020, p. 191). Com isso, ainda que

historicamente os indivíduos precisem seguir um sistema que dita normas para/sobre seus corpos, aos poucos esses códigos estão sendo subvertidos, e, em harmonia com as exigências atuais de mercado, os roteiristas e ilustradores de personagens como as aqui exemplificadas buscam não permitir que elas permaneçam em lugares sociais previstos para o seu gênero, uma vez que essas personagens costumam distanciar-se das imposições vigentes a elas.

## Carol, Capitã e Maravilhosa

Carol Danvers, também conhecida como Capitã Marvel, personagem criada no final da década de 1970, passou por muitas alterações desde seu surgimento. Diversas profissões, mudanças de títulos, aquisições e perdas de poderes acompanharam a personagem ao longo das edições em que apareceu.<sup>1</sup> Em 2019, foi publicado pela Panini Comics o volume *Capitã Marvel - Reentrada*, roteirizado por Kelly Thompson, ilustrado por Carmen Carnero e traduzido no Brasil por Dandara Palankof. O compilado reuniu as edições do original em inglês, de 1 a 5 de *Captain Marvel* e narrou os acontecimentos após o retorno da super-heroína à Terra e seu período sabático.

Apesar de iniciar um novo arco para a personagem, o quadrinho não reiniciou sua história, conforme pode ser observado em sua capa (fig. 01). Em primeiro plano, encontra-se a personagem conforme sua apresentação atual, sob o título de Capitã Marvel. Aparece na

---

<sup>1</sup> Por isso, Braga Jr (2015) alerta para a dificuldade metodológica de atribuir generalizações aos personagens de quadrinhos, sem considerar sua trajetória biográfica e as mãos diversas de pessoas humanas que lhe modificaram ao longo do tempo.



parte central da capa, com uma postura mais frontal, em um enquadramento levemente de baixo para cima, uma posição que pode ser lida como de “poder”. Além disso, seus punhos fechados podem remeter à força da personagem e à sua condição de super-heroína.

O raro sorriso presente em seu rosto<sup>2</sup> pode indicar ainda a “publicidade” que os super-heróis precisam fazer sobre si (e que tem destaque na narrativa) para que os civis se identifiquem mais com eles. Um pé um pouco mais à frente que o outro, as fitas de seu cinto enroscando na parte de trás de suas pernas, assim como seus cabelos balançando, podem dar uma impressão de movimento para a personagem, o que pode passar uma ideia de dinâmica para a história.

---

<sup>2</sup> O primeiro longa-metragem solo com uma protagonista feminina da Marvel Studios, *Capitã Marvel* (2019), desde os primeiros materiais de divulgação incomodou uma parte do público fã de Cultura Pop, alegando que a personagem não sorria “o suficiente”. Anna Boden, co-diretora do filme, e Brie Larson, atriz que interpreta a protagonista, afirmaram em entrevistas que já previam a polêmica, uma vez que o pedido para ser mais sorridente faz parte da experiência em ser mulher. Além disso, a atriz brincou em uma rede social com a questão levantada ao inserir sorrisos nos pôsteres dos super-heróis masculinos de outros filmes do estúdio. Fontes: Fiaux, 2019, *on-line*; Redação Nerdbunker, 2018, *on-line*.



Figura 1 - Capa de Capitã Marvel - Reentrada  
Fonte: Capa *Capitã Marvel: Reentrada*. Panini Brasil, 2019.

Ao fundo, pode ser observada a silhueta da cidade presente na história, bem como os demais títulos que a personagem já assumiu ao longo de sua trajetória. Com isso, enfatiza-se o passado da protagonista – fazendo com que o possível leitor que se interessou pela capa (esse primeiro contato com a história) reúna informações prévias básicas sobre as identidades heroicas anteriores que a personagem já possuiu.

Após voltar de seu período sabático e do espaço, Carol Danvers encontra uma grande amiga, Jessica Drew/Mulher-Aranha, durante uma batalha contra um monstro. Para melhorar um pouco da imagem da personagem que dá nome ao título perante os civis, Tony Stark/Homem de Ferro informou que a protagonista teria que dar uma entrevista.

Na saída da conversa com Stark, a personagem foi (re)apresentada a Jennifer Takeda/Radiação – com quem Stark não consegue lidar muito bem. James Rhodes, que havia encontrado Danvers ainda na reunião com Stark, e a protagonista conversavam em uma espécie de café quando foram interrompidos pelo Homem Nuclear<sup>3</sup>, um vilão que Danvers resume como misógino (Thompson; Carnero, 2019, p. 31).

Para não sair como derrotado ao subestimar os poderes de Capitã Marvel, o vilão raptou a jornalista que faria a reportagem com a protagonista. Ao tentar impedir o sequestro, Capitã entrou pela mesma espécie de portal por onde as duas personagens sumiram. Seus

<sup>3</sup> Conhecido anteriormente como Mahkizmo, antigo vilão do Quarteto Fantástico.

“reforços”: Homem de Ferro, Capitão América e Thor, chamados por Rhodes, não conseguiram ultrapassar o portal.

A Capitã logo descobriu que o tempo dentro da barreira passava mais rápido que fora dela, bem como teve conhecimento de quais outras pessoas – todas mulheres, exceto Rom, o único homem que conseguiu escapar da cidadela distópica – também estavam ali. Descobriu ainda que um exército de “homens metálicos” as atacava constantemente.

Com a Capitã na liderança, começaram a montar um exército. Danvers permitiu que Rom permanecesse com elas, mas pediu que não fossem passadas para ele informações confidenciais, bem como solicitou para que uma delas – Eco – ficasse de olho nele.

Carol e Jessica, guiadas por Rom, formaram a equipe de reconhecimento para averiguação de uma possível brecha para a entrada na cidadela onde o vilão se alojava. Após conseguirem alcançá-la, foram vítimas de uma emboscada. Carol ficou para trás, dando chance para que sua equipe de reconhecimento voltasse para a base de operações. Enquanto lutava contra os homens metálicos, a protagonista se deparou com a mutante chamada Vampira, que estava sendo controlada pelo vilão através de um colar.

As duas personagens foram submetidas a brigar numa arena. A “melhor mulher” (Thompson; Carnero, 2019, p. 97), a que provaria ser “digna” e seria “sua rainha” (Thompson; Carnero, 2019, p. 87), seria capaz de procriar “uma raça de filhos superfortes” (Thompson; Carnero, 2019, p. 87), que ajudariam seu pai a dominar o mundo. Enquanto tentava impedir que Vampira sugasse todo o seu poder mais uma vez, Danvers percebeu que sua oponente

buscava resistir ao controle que o colar exercia sobre ela. Sua “equipe de resgate” – as personagens que ficaram para trás, juntamente com Rom e Jessica – usaram a briga na arena como momento para atacar, uma vez que Homem Nuclear estaria distraído.

Rom já tinha avisado para a equipe de resgate que os homens metálicos que encontraram, os que são novos e menores, estavam com civis dentro, assim, eles não poderiam destruí-los. Na arena, com Capitã assumindo o controle de Vampira, Homem Nuclear revelou que existia uma bomba por ali. A bomba em questão era seu próprio filho.

Utilizando seus poderes de absorção, Vampira, já com o controle de seu corpo de volta, desativou a bomba e instantaneamente a barreira foi derrubada. Com isso, os poderes de Mulher-Hulk e Radiação retornaram.

Não aceitando a derrota (mais uma vez), Homem Nuclear se teleportou e levou seu filho com ele. Na última página do quadrinho, há um gancho para a continuação da história.

## Discutindo a questão de gênero na HQ da Capitã

Por um longo período, de modo geral, as personagens femininas nos quadrinhos recebiam um tratamento inferior em comparação ao das personagens masculinas. As mulheres que apareciam nas histórias serviam, muitas vezes, apenas como incentivo para a ação e/ou prêmio para o protagonista. A respeito disso, Oliveira (2007) aponta que a fragilidade da mocinha acentuava a virilidade do herói. A autora ainda discorre que, além de dependentes e protegidas por homens, outro possível papel destinado às mulheres nos

quadrinhos era o de vilã, que exprimia os maiores receios da sociedade patriarcal. A beleza desse tipo de personagem divergia da beleza angelical da mocinha, pois era vinculada a numerosos tipos de desvios morais.

Contudo, com o passar das décadas, as representações de personagens femininas foram sendo alteradas conforme refletiam o que estava acontecendo em cada época. A seguir, vamos apresentar alguns aspectos das personagens que aparecem nesta edição.

**Carol Danvers/Capitã Marvel:** Uma das personagens mais fortes do universo, Capitã Marvel reúne força sobre-humana e preocupação com os que estão ao seu redor, seja por outros super-heróis ou por civis. Apesar de demonstrar discursos condizentes com o que acontecia em cada década desde seu surgimento – a chamada “segunda onda” feminista no hemisfério norte –, Carol Danvers foi uma personagem, durante muito tempo, sexualizada por meio de suas vestimentas de heroína – algo considerado recorrente até a última década, época em que surgem movimentos de dessexualização das mulheres. Sob o título de Capitã Marvel, ainda que se apresente conforme os padrões estéticos atuais impostos<sup>4</sup>, a personagem não é mais objetificada como antes. Seu uniforme atual (ainda que possa eventualmente restringir seus movimentos) cobre boa parte do corpo, não chamando, assim, tanta atenção para ele, bem como os quadrinhos em que a personagem aparece, no geral, não trazem planificações em que seu corpo fique em evidência (Oliveira, 2007).

<sup>4</sup> “O padrão atual de beleza determina que à silhueta curvilínea da ampulheta sejam adicionados músculos esculpido por exercícios físicos, o que resulta em um formato híbrido de curvas e músculos. O corpo do macho passou a ser a referência do corpo da fêmea.” (Oliveira, 2007, p. 157)

No quadrinho exposto, em um dos primeiros confrontos da protagonista com Homem Nuclear, é enfatizada a forma como o vilão enxerga as mulheres, o que vai de encontro ao que Danvers busca representar. O observador exibe Capitã Marvel em posição superior, demonstrando, com isso, a força que a personagem tem. O balanço de seus cabelos (que mudam durante a narrativa), o lenço/cinto ao vento, bem como sua postura – cenho franzido, mãos fechadas – pronta para o combate, ainda que a outra personagem esteja momentaneamente no chão, reforçam essa escolha.

**Jessica Drew/Mulher-Aranha:** Uma das grandes amigas da protagonista, Mulher-Aranha, apresenta uma versão ainda mais próxima dos moldes vigentes contemporâneos, uma vez que é mãe.<sup>5</sup> Enquanto cumpre suas atividades heroicas, deixa o bebê com uma babá. Com isso, ao se deparar com a cidadela, ainda que preocupada com seu filho e com saudade dele, a heroína precisa focar em resolver o problema, que, além de impedi-la de estar com ele, afeta demais civis. Durante seu período aprisionada na barreira/na cidadela, a personagem adota vestimentas que remetem à sua identidade heroica, assim como também à pintura em seu rosto.

**Jennifer Takeda/Radiação:** No decorrer da narrativa, percebe-se que Radiação divide mais que o nome (e apelido) à paisana com Mulher-Hulk, uma vez que ambas também temem o peso de seus poderes. Com uma personalidade irritadiça e sarcástica, a personagem tenta lidar da melhor forma com o receio dos outros quanto ao seu poder – visto que já foi

---

<sup>5</sup> A personagem decidiu ter um filho através de inseminação artificial.

considerada uma vilã em potencial (Thompson; Carnero, 2019, p. 18). Quando passa a integrar a barreira, Jen, por precaução, utiliza apetrechos como se não tivesse perdido seus poderes ao entrar no local, o que demonstra preocupação com os demais caso seus poderes retornem repentinamente e ela os use sem perceber. Ao incorporar ao seu figurino uma máscara facial, a personagem impede que outra heroína também confinada ali, Eco, possa fazer leitura labial e, com isso, acompanhar a conversa que esteja acontecendo. Para que a outra heroína continue participando das conversas, Radiação utiliza língua de sinais.

**Eco:** Por morar no local, Eco estava dentro da barreira desde seu surgimento. Por isso, ficou como uma das responsáveis pela base de operações da rebelião montada. Responsável por vigiar Rom (único homem na base de operações) de perto e também por uma das equipes de resgate, a personagem faz leitura labial para compreender os diálogos ao seu redor, assim como utilizam língua de sinais com ela.

**Jennifer Walters/Mulher-Hulk:** A última personagem a passar pela barreira, Mulher-Hulk, perde seus superpoderes, assim como aconteceu com Radiação. Após recuperar-se do impacto de atravessar o portal, a personagem demonstra ainda estar disposta a ajudar a derrotar o vilão. Dessa forma, para compensar sua falta de poderes, ela passa a vestir um exoesqueleto, liderando uma das equipes para resgatar Danvers.

**Vampira:** Homem Nuclear, que criou uma cidadela para aprisionar no local mulheres que passassem por perto dele, após subestimar a Capitã Marvel, levou também para a cidadela Vampira, personagem que marcou a história da protagonista de forma negativa.



Vampira não seguiu o planejado por ele, pois resistiu ao seu controle mental e estava disposta a perder sua vida para que o vilão não ganhasse. Assim, frustrou os planos que ansiavam reforçar uma rivalidade feminina condizente com o “vilão arcaico” (Thompson; Carnero, 2019, p. 64), como o define a Capitã Marvel.

No quadrinho destacado, após Homem Nuclear fugir, Eco e Capitã Marvel conversam sobre a outrora espécie de nêmesis da Capitã, que foi fundamental para a conclusão do confronto. Utilizando os resquícios do poder sugado de Capitã ao ir embora voando, a personagem expressa semblante sereno após sua momentânea aliança com a Capitã.

## Humanização e união das personagens

Classificado como “ideal para novos leitores”, segundo a loja on-line da Panini, o novo quadrinho de Capitã Marvel não reinicia sua história no universo Marvel, visto que apresenta acontecimentos passados da super-heroína, mas traz um novo olhar sobre a protagonista. Ressaltando suas relações de amizade e seu senso de responsabilidade para com os demais à sua volta, a narrativa destaca assim um lado mais humano da personagem (bem como os Vingadores intencionavam no início da história), sem deixar de enfatizar quão poderosa a personagem é.

Em um contexto em que o androcentrismo ocupa e decreta as diversas formas de relações entre as pessoas (e os/com os grupos aos quais são incluídas), além das relações de Carol Danvers, salienta-se ainda as relações em geral entre as personagens femininas da

narrativa. Apesar dos esforços do vilão para isso – que, manifestando-se como uma alegoria do androcentrismo, as subestima em todo momento –, a imposta rivalidade de mulheres contra mulheres, que as estruturas de dominação ditam, não tem espaço na história.

## Considerações finais

Visando alcançar o objeto geral, determinou-se inicialmente apresentar a história selecionada. A partir disso, verificaram-se os discursos e as ilustrações presentes no quadrinho e identificaram-se as relações de constituição do feminino nas personagens abordadas. Levantou-se como hipótese de trabalho que o quadrinho *Capitã Marvel – Reentrada* abordaria constituições de feminino para além daquelas que as sociedades atuais entendem como pertencentes aos códigos e imposições em vigência, posto que, em concordância com as atuais exigências de mercado anteriormente mencionadas, as pessoas responsáveis por assinar a obra (desenhista, roteirista e até a tradutora no Brasil) são reconhecidas por seus trabalhos com personagens femininas.

As personagens são apresentadas de acordo com os atuais padrões estéticos instituídos, porém a performance de cada uma diverge do esperado molde ainda contemporâneo idealizado para uma figura feminina, ao não aceitarem se anular – mesmo aquelas que perderam seus poderes – não permitindo-se tornar um “corpo dócil”/não reproduzindo as encenações performáticas em vigor. As personagens femininas em destaque apresentaram personalidades diferentes entre si, bem como independência do outrora tão necessário olhar masculino. As ilustrações delas

enfatazaram ainda seus aspectos individuais antes de suas características físicas, ratificando as identidades plurais femininas.

A narrativa gráfica aqui estudada reafirma concepções de gênero que divergem dos papéis a elas antes predeterminados.



Figura 2 – Capitã Marvel em um dos primeiros confrontos com vilão  
Fonte: *Capitã Marvel: reentrada*. Panini Brasil, 2019, p. 39.





Figura 4 - Mulher-Hulk e Radiação, respectivamente  
Fonte: *Capitã Marvel: reentrada*. Panini Brasil, 2019, p. 107.



Figura 5 - Capitã Marvel e Eco  
Fonte: *Capitã Marvel: reentrada*. Panini Brasil, 2019, p. 46.



Figura 6 – Mulher-Hulk e Radiação  
Fonte: *Capitã Marvel: reentrada*. Panini Brasil, 2019, p. 107



Figura 7 – Vampira depois da destruição da barreira  
Fonte: *Capitã Marvel: reentrada*. Panini Brasil, 2019, p. 119.

## Referências

BARCELLOS, Janice Primo. O feminino nas histórias em quadrinhos. Parte 1: a mulher pelos olhos dos homens. *Agaquê*. São Paulo, v. 2, n. 4, nov. 2000. Disponível em:

[www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4\\_1v2.htm](http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm). Acessado em: 09 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA JR, A. X.; SILVA, Valéria Fernandes. (Orgs.). **Representações Femininas nas Histórias em Quadrinhos**. Maceió: Edufal, 2015.

BRAGA JR., A. X. A Representação Imagética do Social do Desenho Cômico até a Superaventura: Apontamentos Iniciais. **Revista Sociologia em Rede**, [S. l.], v. 13, n. 13, 2023. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rsr/article/view/1395> . Acesso em: 20 jun. 2023. ISSN 2359-3717.

BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier. **Por Uma Sociologia Da Imagem Desenhada: Reprodução, Estereótipo E Actância Nos Quadrinhos De Super-Heróis Da Marvel Comics**. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2015.

BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier. Representação de etnia e gênero nos quadrinhos de superheróis: questões estéticas e sociológicas. In: BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier; NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. (Orgs.) **Gênero, sexualidade e feminismo nos quadrinhos**. Leopoldina, MG: ASPAS, 2020. p. 117-163.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FIAUX, Gus. Capitã Marvel – diretora explica porque [sic] inseriu diálogo sobre o “sorriso” da heroína. **Legião dos Heróis.** Disponível em: <https://www.legiaodosherois.com.br/2019/capita-marvel-diretora-explica-porque-inseriu-dialogo-sobre-o-sorriso-da-heroína.html>. Acessado em: 29 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

NASCIMENTO, Dulcilene Ribeiro Soares. Androcentrismo, a construção da dominação cultural masculina, 2020. **Revista Cognitionis.** Disponível em: <https://revista.cognitioniss.org/index.php/cogn/article/view/52>. Acessado em: 29 abr. 2021.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990).** Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

RAMOS, Amanda Freitas; MIRANDA, Camila C. Magalhães de; CAMARA, Maria Amália Arruda. A Representação Feminina nas HQs de Super-Heróis: uma demanda por superação de velhos estereótipos das "Mulheres na Geladeira". In: BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier; NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. (Orgs.) **Gênero, sexualidade e feminismo nos quadrinhos.** Leopoldina, MG: ASPAS, 2020, p. 165-197.



REDAÇÃO NERDBUNKER. Capitã Marvel – heroína não sorrir. **Jovem Nerd**. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/capita-marvel-heroina-nao-sorrir/>. Acessado em: 29 abr. 2021.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; VIEIRA, Marcos Fábio. De comportadas a sedutoras: representações da mulher nos quadrinhos. **Revista Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 5, n. 13, jul. 2008. p. 179-197. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/132/133>. Acessado em: 09 out. 2020.

THOMPSON, Kelly; CARNERO, Carmen. **Capitã Marvel: reentrada**. Tradução de Dandara Palankof. Barueri, SP: Panini Brasil, 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.